

DF- Brasília A civilização do Planalto

Vamireh Chacon

A corrupção é ética, não geográfica. Foi um erro decidir transferir de volta ao Rio de Janeiro o DNER; lá não existe mais transparência que em Brasília, do contrário há muito teriam sido desvendados ali os laços da complexa teia do narcotráfico. O que se viu e se vê é uma cidade, a ex-capital, cada vez mais entregue ao crime celebrado até em novela de televisão, a atual "Guerra sem Fim", por exemplo. Quando na realidade o Rio precisa de outras coisas, reindustrializar sua zona norte e periferias, garantir e desenvolver seu turismo, sistema bancário e bolsa de valores capazes de atrair e orientar investimentos, unindo o útil ao agradável, uma mistura de Miami e Nova Iorque. Em vez de querer voltar a ser Washington.

Nem Brasília tem nada a ver com Washington, cada um com sua peculiaridade, temos as nossas. Brasília é a realização do sonho inconfiante de interiorização da capital de um país independente. As famílias mais antigas mineiras, entre elas os Mello Francos e os Andradas, descendem dos bandeirantes. Os inconfiantes, intermediários geracionalmente, receberam deles o ideal da marcha rumo ao Oeste e repassaram-no a Juscelino, um Oliveira e não só um Kubitscheck, muito luso pelo lado paterno.

Foi a transferência da capital fe-

deral para Brasília que, com a persistente penetração paulista, tornou possível tamanho desenvolvimento do sul de Goiás e Mato Grosso, a ponto da viabilização das suas divisões em dois. Foi a transferência que possibilitou a descoberta das potencialidades do cerrado, cerca de 2,5 milhões de quilômetros quadrados, quase um terço do Brasil, para utilizações recordes de agricultura e pecuária, no momento quatro vezes a safra brasileira de grãos e o dobro da



oferta nacional de bovinos. Tudo isso gerando pouco a pouco e inexoravelmente uma nova cultura, a civilização do Planalto, síntese bandeirante sertaneja, paulista-mineira-goiana-nordestina, mais um mundo brasileiro que surge, a desabrochar em cidades e universidades.

A capital da civilização ou cultura do litoral transitou da Bahia ao Rio de Janeiro, 300 anos numa, 150 noutra. A interiorização significa enfim superar o que se denominou complexo de caranguejo, a exclusiva fixação à beira-mar denunciada desde o século inicial de colonização pelo primeiro cronista-historiador Frei Vicente do Salvador. Um absurdo recente ao Rio de Janeiro seria a vitória da tropicália praieira sobre a dureza e a produtividade do Planalto, seria o risco maior à segurança nacional de uma capital federal numa cidade onde a capital estadual não consegue impor-se ao governo paralelo de bicheiros e narcotraficantes. O Rio precisa, isto sim, de um mutirão nacional, principalmente do Distrito Federal e de São Paulo, quase um país em si, no sentido de ajudá-lo a reencontrar caminho próprio.

Esvaziar mesmo em parte Brasília implica prejuízo do Brasil, em especial para São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Nordeste, por intermédio da Bahia.

Quanto aos erros políticos internos, da administração local de Brasília, eles só podem ser superados como os de todo mundo, mediante o amadurecimento eleitoral, pelo rodízio aprimorador dos legisladores e executivos. Diminuir a autonomia brasiliense restringe este aprendizado, sujeita-o à importância de ter de aceitar passivamente os erros importados. Enfraqueceria a vitalização não só política, também econômica e cultural de Brasília como pólo da civilização do Planalto, tão importante federalmente quanto São Paulo em escala estadual.

■ Vamireh Chacon é professor do Departamento de Ciência Política da Universidade de Brasília